TEATRO

DE

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

A MORTA

DRAMA EM 5 ACTOS

2.ª EDIÇÃO

LISBOA

PORTUGAL-BRASIL

SOCIEDADE EDITORA

ARTHUR BRANDÃO & C.ª

RUA DA CONDESSA, 80

H. LOPES DE MENDONÇA
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

A MORTA

DRAMA EM 5 ACTOS

2.ª EDIÇÃO

OSÓRIO MATEUS

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL
SOCIEDADE EDITORA
ARTHUR BRANDÃO & C.ª
RUA DA CONDESSA, 80

PREFÁCIO
DA PRESENTE EDIÇÃO

Inteligente acaso, o que me faz encetar com A Morta *a reedição, seguramente definitiva, da minha obra teatral. Com efeito, êste drama, pôsto que nem na composição nem na representação tivesse antecedido* O Duque de Viseu, *pode considerar-se o primeiro de uma trilogia, que, embora sem plano preconcebido, com êste se continua, e se completa com o* Afonso de Albuquerque. *Três quadros do viver histórico de Portugal, correlacionados como os elementos de um tríptico. Nêste, agora reeditado, a Idade-Média, com a viva chama do amor cavalheiresco e o alvorecer consciente do sentimento pátrio. No* Duque de Viseu, *o romper da Renascença, com as lutas para a consolidação do poder monárquico e os alvoroçados primórdios da expansão ultramarina. No* Afonso de Albuquerque, *o apogeu da glória portuguesa no Oriente, o moderno imperialismo colonial iniciado, e já corroído pela intriga dos fidalgos, pela avidez dos chatins e pela ingratidão dos reis.*

Reputo esta a parte mais substancial da minha obra dramática. Isto a despeito do tom desdenhoso com que é hoje moda acolher o gênero. Ainda muito recentemente nêle se exercitou mais uma vez, com retumbante aplauso, o génio talvez mais futurista *do mundo moderno, o irlandês Bernardo Shaw. O brilhante exemplo me convidaria a persistir na carreira, caso para ela as circunstâncias ainda me consentissem fôlego...*

*

* *

Quando elaborei A Morta, *ia medir-me audaciosamente com o crescido número de escritores que, desde António Ferreira, tinham versado o tema, já hoje clássico, dos amores da linda Inês. Ás principais dificuldades me esquivei, transferindo a acção para o reinado do monarca justiceiro e fazendo pairar sôbre tôda a peça, como um ideal entre-sonhado, o fantasma deslumbrante da Colo-de-Garça. Assim evitei, em primeiro lugar, encaixar o régio protagonista na pele de um galan, que mal poderia escapar da banalidade pela truculência. E depois, fugi ao embaraço de traçar a figura de Inês, a qual, para a minha visão histórica, muito a custo coïncidiria com os puríssimos contornos da lenda.*

Mas, se por lenda se entende aquilo que das personagens históricas reza a mais antiga tradição escrita, devo confessar que para a figura de Pedro I se ajustavam absolutamente com a imagem, por mim fantasiada, os delineamentos da crónica. Em Fernão Lopes encontrei o modêlo shakespeariano e formidável, que intentei transplantar para a scena. Se eu tivesse de refundir hoje o meu drama, é seguro que o alteraria em muitos pormenores, e até possivelmente na linha geral do entrecho; mas deixaria intacta a psicologia do soberano, tal

como ela surgiu a meus olhos das páginas do grande historiador.

Bem sei que êste meu critério vai de encontro à doutrina, há pouco eruditamente sustentada por um colega académico, que me merece os maiores respeitos, o sr. general Morais Sarmento. Mas a nossa divergência versa essencialmente, não no ponto de vista por que ambos encaramos o monarca, mas na interpretação atribuïda ao contexto do cronista e no conceito conseqüente em que o temos.

Sem o intento de defender o meu drama, o qual, como obra de arte, não aspira a derimir pleitos desta natureza, não me sofre o ânimo calar o singelo depoïmento de defesa, que de improviso me sugere o tremendo libelo do meu eminente consócio.

Sôbre Fernão Lopes lança êle o labéu de vendido ao poder clerical para denegrir o carácter de D. Pedro I, pai e avô de príncipes que o haviam patrocinado. Ora a imagem, que se reconstitúi aos olhos de quem leia despreocupadamente a crónica, não é a de um déspota sanguinário e perverso. Longe disso! Desempoeirem-no daquela paixão vesânica pela justiça, que o leva realmente a demasias cruentas e que parece o derradeiro e perdurável sedimento da sua amorosa catástrofe, e a impressão que se recebe é a de um rei inteligente e probo, fautor dos bons e áspero punidor dos máus, tão amigo

do seu povo e da sua terra que diziam as gentes não ter havido "tais dez anos em Portugal como êstes em que reinara el-rei Dom Pedro". São estas as formais palavras com que o cronista encerra o seu livro, o qual abre por uma fervente apologia do monarca, que "com bom desejo, por natural inclinação, refreou os males, regendo bem seu reino". Como pode admitir-se que entre êstes dois termos caiba uma imagem moralmente antipática, de feições deformadas pelo espelho recurvo da má fé?

Confronte-se agora esta impressão, que o leitor ingénuo necessariamente recebe, com a projectada por alguns magnates da Igreja que ali figuram, e não julgo que se possa assacar ao cronista a argüição de parcial em favor dêstes últimos.

Os lombos episcopais, que vemos retalhados pelo régio tagante, podem inspirar acaso uma piedade simpática? Êsse bispo do Porto, seja ou não problemática a sua identidade, aparece-nos não só como um prelado devasso e adúltero, mas ainda por cima fero perseguidor do marido ultrajado. O que afloraria desde logo aos lábios descuidosos de quem lêsse a anedota, seria esta ejaculação justiceira e plebea: "Só se perdem as que caírem no chão!"

Quando o real amante de D. Inês influi no ânimo timorato do bispo da Guarda a cumplicidade na burla matrimonial, um juiz, por severo que seja, puderá sem

custo admitir para o principal delinqüente a atenuante da cegueira amorosa, exacerbada pela saüdade; mas para o cúmplice, investido no sacro ministério, a subserviência torna-se agravante da mentira.

E abstenho-me de referências a lugares da crónica em que a barreguice dos clérigos é vituperada, e louvado o rei que severamente a reprime.

O meu intento, ao fazer estas observações, é delir da memória do grande cronista a nódoa de caluniador a sôldo. O admirável aparato scientífico, desenvolvido pelo erudito e venerando general, embora demonstre a inexactidão de certas asserções contidas na crónica, por forma alguma me convence da intencionalidade criminosa. Pelo contrário! Pois que, pelo que fica exposto, o esfôrço do aleive resultaria contra-producente. E semelhante resultado denunciaria imprevisão, inacreditável num engenho poderoso como era evidentemente o de Fernão Lopes, e mais ainda na mente dos seus pretensos inspiradores, dada a maquinações e intrigas, refinada mestra de psicologias.

A bem dizer, só se me depara na crónica uma passagem em que o parecer do autor se manifesta condenatório para a fama do rei biografado. É quando, depois de se referir com bastante minúcia ao escambo dos assassinos de Inês, conclúi, me parece que com carradas de razão: "Muito perdeo el-rei de sua boa fama *por tal escambo*

como este, o qual foi havido em Portugal e em Castela por mui grande mal, dizendo todolos bons que o ouviam, que os reis erravam muito indo contra suas verdades, pois que estes cavaleiros estavam sobre segurança acoutados em seus reinos».

Sim! dêem-lhe as voltas que lhe derem, reconheço com mágoa que esta deslealdade deslustra o carácter de um soberano, a cuja memória, a exemplo do sr. General Morais Sarmento, me apraz endereçar os louvores que se devem a um benemérito da pátria... A exemplo do ilustre acusador de Fernão Lopes? Direi antes, a exemplo do próprio cronista, o qual, na frase que sublinhei, claramente mostra a mesma admiração pela personalidade régia e o mesmo pesar pela restrição a que o impele a sua lealdade.

O que sumariamente deixo apontado não me inibe de prestar a devida homenagem ao camartelo crítico do meu doutíssimo confrade. Suponho, é certo, que as suas pancadas ferem a maioria das vezes em falso. Mas não raro encontrou pontos fracos, e descobriu erros palpáveis. Quem os não comete, até narrando factos a que assistiu ou de que teve conhecimento directo? Quantos podem gabar-se de ter encontrado nas escavações do passado uma parcela de verdade indiscutível?

Ocorre-me uma boutade *que ouvi a Pinheiro Chagas, a propósito dos Césares Romanos. As notícias que temos*

dêles pareciam-lhe tão dignas de crédito como os artigos de fundo das folhas da oposição, a respeito da família real. Para o scintilante polígrafo, Suetónio e Tácito tinham seus ares de Mariano e de Navarro daquelas eras.

Mas é escusado remontar a êsses exemplos remotos. Bastará um, que data de pouco mais de um século. Tenho-me há tempos entretido a ler quantos historiadores e memorialistas me vem à mão, ocupando-se da personalidade e dos actos de Napoleão Bonaparte. Pois bem! Os depoïmentos são tão variáveis, tão divergentes, tão antagónicos, que não há maneira, no meio de semelhante barafunda bibliográfica, de apurar com segurança uma esquírola de evidência.

E, em vista disto, deveremos nós fulminar com rigorosas argüições o pobre do Fernão Lopes, por se ter guiado às vezes por falsos informes sôbre um período quási tão afastado da sua vida como da nossa está a época napoleónica? Teremos mesmo o direito de lhe assacar a responsabilidade de cortes e omissões que de há muito na sua crónica se me afiguram realmente pouco explicáveis? A êle que, ao escrever a biografia de D. João I, seu contemporâneo e seu patrono, dá uma prova de hombridade, de alta e desassombrada isenção, não disfarçando o tortuoso de algumas linhas no deli-neamento dessa prestigiosa figura?

Mas deixei-me arrastar muito além do que me cumpria para justificação da visão histórica que me dominou ao fazer o meu drama.

Seria arrôjo de vaidade atribuir a estas singelas considerações a mínima influência sôbre o elevado espírito do sr. General Morais Sarmento, no sentido de o reconciliar com a memória do grande historiador quatrocentista. Mas não deixarei de acentuar—à quelque chose malheur est bon—*que o seu vigoroso libelo nos valeu um riquíssimo manancial de ensinamentos.*

*

* *

O que me comprazo em consignar agora com saüdade, é o êxito considerável da minha peça, que não desmereceu do alcançado quatro anos antes pelo Duque de Viseu, *e excedeu as minhas mais aventurosas previsões. Ainda desta vez me desvaneceu a atitude da crítica, concorde em geral com os aplausos do público. E não intento desvendar por que motivos misteriosos nunca mais a minha* Morta *foi iluminada pelos clarões da ribalta, cuja incidência sôbre um cadáver, apesar das apreensões de alguns colegas e colaboradores artísticos, não repugnara aos espectadores.*

Antes pelo contrário.

Essa peripécia, cujas circunstancias são da minha invenção, até parece ter sugestionado posteriormente outros engenhos. Devo-lhes a grande honra de a perfilharem em valiosos trabalhos literários, versando sôbre o mesmo tema dramático. E, algumas vezes, por tal motivo senti a minha vaidade afagada pela repercussão do aplauso público.

O que falta no livro, que hoje reedito, é um elemento que deu vida e brilho à representação da peça. Refiro-me à colaboração de um saüdoso amigo, o insigne maestro Alfredo Keil, que a opulentou com três inspirados números de música: a canção de Afonso Madeira, no 1.º acto, feita sôbre letra de um dos nossos cancioneiros medievais; a dansa mourisca do 2.º acto; e a marcha fúnebre do 5.º acto. As pessoas que, há cousa de um quarto de século, assistiram em Lisboa às tradicionais procissões religiosas, nomeadamente a do Senhor dos Passos da Graça, talvez se recordem ainda desta última peça musical, com que a banda da antiga guarda municipal acompanhava a passo grave o luzido pálio. Sirva esta reminiscência de preito de gratidão, rendido à memória gloriosa do ilustre compositor. Pouco antes dessa época, já eu tivera a honra de ligar ao dêle o meu nome, escrevendo a letra para a música da Portuguesa. *Mais tarde, sôbre estrofes minhas compôs êle o hino do Infante D. Henrique, soberba página musical que eu sinto não*

ser conhecida pelas modernas gerações. E anos depois elaborei o libreto da Serrana, *das óperas de Keil aquela que valeu ao eminente artista mais estrondosos e duradouros aplausos.*

Não espanta que esta nova evocação de uma Morta, *a seis séculos de distância, me sugira a recordação de um grande morto, cuja mão eu apertava ainda há vinte anos. Em certa altura da vida, por mais que se tente avivar leves ressonâncias de glória, logo as esmorecem as plangências da saüdade.*

Março de 1927.

H. L. M.